



Embrapa Amazônia Oriental

FORMAÇÃO E MANEJO DO REBANHO NA AMAZÔNIA

A primeira introdução de bovinos na Amazônia ocorreu em 1644, procedentes das ilhas de Cabo Verde. Criados inicialmente nos quintais das casas suburbanas de Belém foram transferidos, posteriormente, para a ilha de Marajó, em 1680. Em 1803, já existiam em Marajó, 226 fazendas com um rebanho de aproximadamente 500 mil cabeças. Depois, ocorreu à expansão para as várzeas do rio Amazonas, sempre aproveitando a exuberante oferta de pastagens nativas.

Desde o final do século retrasado foram feitas diversas tentativas de introduzir raças européias puras na Amazônia as quais, evidentemente, tiveram dificuldades na adaptação ao ecossistema tropical úmido. O mesmo não aconteceu com o búfalo que, a partir da primeira importação em 1895, encontrou condições ambientais extremamente favoráveis para crescimento rápido do rebanho, nas pastagens de áreas inundáveis da Amazônia.

Na primeira metade do século passado, com a introdução das raças zebuínas, seguida de um eficiente trabalho de seleção, chegou-se a um rebanho adequado e sem concorrente, para produzir competitivamente, carne de alta qualidade, baseada principalmente em pastagens tropicais. Restam ainda os cruzamentos industriais, entre raças zebuínas ou com raças européias especializadas para produção de carne e leite.

A partir de 1960, a pecuária foi expandida em pastagens cultivadas de terra firme, em decorrência da decisão política de ocupar, desenvolver economicamente e integrar a Amazônia ao restante do país. O modelo de ocupar a região pela “pata do boi” foi escolhido por apresentar a característica de ocupar grandes áreas com custo relativamente baixo. Para implementá-lo, foram abertas as rodovias de integração nacional e criados incentivos fiscais e creditícios.

Como ferramenta de ocupação da Amazônia, a atividade pecuária foi eficaz, e hoje mais de 20 milhões de brasileiros habitam a região, que já não é um imenso vazio. As críticas ao modelo, pelos erros cometidos no passado, principalmente em função do desconhecimento da região e, também, pela falta de planejamento na implantação dos projetos, são merecidas apenas parcialmente e foram longe demais ao pretender afirmar que a região não tem vocação para a pecuária.

José Ferreira Teixeira Neto, Engenheiro Agrônomo, MSc em Forragicultura, Pesquisador II, da Embrapa Amazônia Oriental. teixeira@cpatu.embrapa.br

José de Brito Lourenço Júnior, Engenheiro Agrônomo, DSc em Biologia Ambiental, Pesquisador III da Embrapa Amazônia Oriental. Lourenco@cpatu.embrapa.br

Miguel Simão Neto, Engenheiro Agrônomo, PhD em Forragicultura, Pesquisador III da Embrapa Amazônia Oriental. simao@cpatu.embrapa.br

Norton Amador da Costa, Médico Veterinário. Pesquisador I da Embrapa Amazônia Oriental. norton@cpatu.embrapa.br

Apesar de todas as restrições legais e creditícias, a partir de 1995, com a nova realidade econômica mundial e do Plano Real, a pecuária da Amazônia continua a crescer em taxas somente possíveis para ecossistemas com elevada vocação para a atividade. Enquanto nas demais regiões do país o rebanho diminuiu ou não ultrapassa crescimento de 3% entre 1990 e 1995, o da Região Norte cresceu 29% no mesmo período. Mais surpreendente, ainda, é o crescimento da pecuária de corte e leite, na agricultura familiar, justificado pela segurança, liquidez e agregação de valor a terra, via formação de pastagem. Evidentemente, os pequenos produtores não estariam investindo recursos próprios em uma atividade antieconômica, uma vez que os subsídios para essa atividade praticamente inexistem hoje em dia. Entretanto, ainda existem limitações para se atingir o potencial produtivo do rebanho amazônico tais como: genéticas (falta de adoção de um programa de melhoramento em muitos criatórios), nutricionais (melhoramento e manejo das pastagens e suplementação energética, protéica e mineral), sanidade e conforto animal. Somente utilizando a tecnologia disponível será possível aproveitar o elevado potencial produtivo das pastagens e do rebanho, intensificando a pecuária e, quando conveniente integrando-a com culturas perenes ou de ciclo curto. A utilização de sistemas agrossilvipastoris ou silvipastoris, com espécies arbóreas de alto valor comercial, é uma alternativa atraente, pela diversificação de culturas e da renda e pela valorização da propriedade. Hoje, o Município de Paragominas tem uma política agrícola definida que inclui criar o rebanho existente em 50% da área utilizada, via intensificação da pecuária. Os restantes 50% seriam utilizados para outras culturas como grãos, pimenta-do-reino, fruticultura reflorestamento, etc. Dessa forma seria contida a derrubada de novas áreas de floresta nativa.

Na sociedade atual o produtor rural tem que monitorar os cenários presentes e futuros, para detectar ameaças e oportunidades para o seu agronegócio. Somente assim poderá transformar ameaças em oportunidades, a exemplo da rastreabilidade de seu rebanho. Além disso, tem que estar unido e organizado para defender os interesses do seu segmento. Pressões ambientalistas, insegurança no campo, redução das atividades da pesquisa agropecuária, o mercado e a desorganização da cadeia produtiva são algumas ameaças prementes que devem ser enfrentadas.

Gestão empresarial associada uso de tecnologia, introdução de sistema de custo de produção, redução da idade de abate e abertura de novos nichos de mercado são algumas oportunidades que não devem ser desperdiçadas.

Da administração das ameaças e oportunidades pode-se construir dois cenários para a pecuária da Amazônia. O primeiro, sombrio, se prevalecerem os interesses nem sempre confessáveis das correntes contrárias à atividade, que são as mesmas que tentam obstruir todas as iniciativas que visem o desenvolvimento da região. O segundo, promissor, aproveitando toda a potencialidade da Amazônia e de seu rebanho para a produção sustentável de proteína animal, do ponto de vista biológico, econômico, social e ambiental.

Deve-se ter sempre em mente que a qualidade de vida do ser humano deve ser a meta principal de qualquer estratégia de desenvolvimento, com a menor alteração possível ao ambiente.

A pecuária está, sem dúvida, entre as maiores vocações da Amazônia, que tem condições extremamente competitivas para produzir o “boi verde” e o “boi orgânico” com a segurança alimentar que a sociedade moderna deseja e continuará demandando mais intensivamente no futuro.